



O BAIRRO DO ROGER NA TELA DO MEU CELULAR: UM NOVO OLHAR PARA O COTIDIANO SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Ercules Laurentino Diniz ¹

INTRODUÇÃO

Os anos de 2020 e 2021 impuseram grandes desafios aos educadores. Assegurar o desenvolvimento das práticas pedagógicas, sem usufruir do espaço escolar, foi uma ação que em nenhum contexto se concretizou sem que, para tanto, fossem empregados muitos esforços.

Passados os dois anos em questão, 2022 também não foi um ano fácil. O desafio era de natureza diferente, mas tão grande quanto o anterior: consistia em fazer os estudantes readquirirem o apreço pelo ambiente escolar e, conseqüentemente, em trazer uma nova adequação aos compromissos inerentes ao espaço pedagógico.

O trabalho apresentado tem por objetivo discorrer sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas junto aos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina, ao longo do terceiro bimestre do ano letivo de 2022, no âmbito do projeto *Mestres da Educação*.

Situada no Bairro do Roger, no município de João Pessoa, a escola tem como estudantes matriculados(as), de maneira geral, filhos(as) da classe trabalhadora que não disponibilizam de muitos recursos em seu viver cotidiano, tendo a escola como instituição fundamental no processo de obtenção de conhecimentos que possibilitem, futuramente, o acesso ao mercado de trabalho (DE ALBUQUERQUE *et al.*, 2021). A presença da Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina é, portanto, a materialização do Estado que cuida, que educa e que, por conseguinte, aumenta as possibilidades de mobilidade social no contexto supracitado.

METODOLOGIA

¹ Mestre e Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares pela Universidade Estadual da Paraíba. Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Educação Básica na rede estadual de ensino da Paraíba. ercules.diniz@hotmail.com.

O material fundamental para o desenvolvimento das atividades foi o *smartphone*, que se constituiu um facilitador para o propósito de tornar os estudantes participantes ativos do processo. Além disso, foram utilizadas uma Smart Tv, para exibição das imagens registradas pelos alunos; barbantes, para exposição das fotografias; e as próprias fotografias impressas.

Podemos dividir esta exposição em quatro etapas: no primeiro momento, foram realizadas rodas de conversas com os estudantes, a fim de obtermos suas impressões iniciais acerca das paisagens do bairro; em seguida, foram trazidas exposições de relatos acerca do bairro por parte da mídia; na terceira etapa, ocorreram explicações sobre a melhor maneira de se captar imagens por meio de *smartphones*; finalmente, na última etapa, realizaram-se as exposições no pátio da escola, com o objetivo de compartilhar as produções com toda a comunidade escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Influenciados por uma visão negativa previamente estabelecida, talvez os estudantes permanecessem compartilhando a seguinte opinião, apresentada logo nos nossos primeiros encontros por ocasião do projeto: “Ah, professor, aqui não há nada de bonito para tirar foto”; e, conseqüentemente, que continuassem reproduzindo as ideias que resumem o seu bairro a ruas sujas, rios poluídos, terrenos abandonados.

Fonseca (2022) assegura ser possível entender a cidade como um território de aprendizagem; no entanto, isso só acontece se forem propiciadas situações que viabilizem tal propósito. Para a autora, é preciso:

Transformar a relação das crianças do ensino infantil com o espaço público e urbano, tornando-as atuantes e curiosas pelos caminhos e percursos ao redor da escola, tantas vezes banal, mas que podem despertar um olhar mais sensível e um interesse diante do desafio de sair e conhecer, de forma coletiva, o ambiente do entorno escolar e do próprio bairro (FONSECA, 2022, p. 48).

Sendo assim, julgamos que uma proposta que colocasse os estudantes como protagonistas, que os levasse a um novo olhar frente aos cenários que marcam as caminhadas pelo bairro, incluindo o espaço escolar, teria grande possibilidade de levá-los à maior valorização dos aspectos naturais do seu bairro.

Além disso, o registro de imagens por meio de um aparelho utilizado

cotidianamente pelos estudantes (os *smartphones*), com posterior exposição no espaço escolar, sob formato de uma galeria de arte, nos possibilitou alcançarmos nosso objetivo principal, a saber: fazer com que os estudantes nutrissem sentimentos de maior apreço pela natureza ao seu redor.

Dos Santos (2018, p. 264) nos lembra de que “Fotografar, desde sua criação, há mais de 150 anos, sempre representou uma técnica que visava apropriar-se do mundo objetivo”. Sendo assim, independentemente dos recursos utilizados – câmeras tradicionais ou aquelas presentes nos *smartphones* –, a fotografia continua tendo a capacidade de redirecionar o olhar de quem fotografa, a partir dessa apropriação até mesmo da realidade vivenciada cotidianamente.

De maneira geral, o retorno à escola no pós-pandemia tem sido encarado como um imenso desafio. Silva (2022) faz a pergunta crucial que marca esse recomeço: “Voltar para qual escola?”, nos advertindo que não podemos esquecer o caráter de amparo que a escola já tinha e que se potencializou na vida dos estudantes mais necessitados.

Enxergamos na execução desse projeto um caminho para fazer com que os estudantes, passados os anos em questão, de isolamento e, portanto, de menor contato com os colegas e com as paisagens cotidianas do bairro e, principalmente, da escola, nutrissem maior apreço por esses espaços.

As primeiras reuniões, como já relatamos, evidenciaram a visão negativa do panorama com o qual os estudantes se deparam em seu viver cotidiano. Contudo, como nos adverte Freire (2011), em seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, entre a série de exigências necessárias ao ensino, desenvolver uma reflexão crítica sobre a prática e ter a convicção de que a mudança é possível são ações que sempre devem estar no horizonte dos educadores. Freire também estabelece uma clara relação entre o ambiente em que os estudantes se encontram e o desenvolvimento pedagógico:

É incrível que não imaginemos a significação do ‘discurso’ formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço (FREIRE, 2011, p. 45).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os últimos dias do mês de julho e os primeiros do mês de agosto de 2022,

desenvolvemos nossas primeiras conversas acerca do projeto que ora apresentamos como executado. À época, os conteúdos ministrados no componente curricular Ciências nos levaram a discutir acerca das noções de “paisagem” e propiciaram as primeiras discussões sobre o panorama vislumbrado pelos estudantes no viver cotidiano.

Nesse contexto, ouvimos as primeiras falas dos estudantes que nos remetiam à visão depreciativa do bairro, sendo relatadas cenas em que se sobressaem o esgoto a céu aberto; os terrenos baldios; os amontoados de lixo; os rios poluídos; e sendo ignoradas as possibilidades de um olhar com maior apreço para as imagens que revelam também as belezas a serem contempladas no dia a dia.

Diante do problema exposto, fomos conversando com os estudantes sobre as possibilidades de desenvolvermos outro olhar sobre as paisagens cotidianas relatadas com certo desprezo, sugerindo, como mecanismo para tal transformação, a fotografia.

A partir de então, o projeto começou a ganhar contornos mais claros, de modo que foi possível apresentarmos a proposta com intencionalidade clara e contando, inclusive, com um cronograma de execução. A ideia foi, portanto, que os estudantes fotografassem, a partir de seus próprios *smartphones*, os lugares vistos no dia a dia, na caminhada de casa para a escola, da escola para o mercadinho, do mercadinho para a igreja, enfim, registros das vivências cotidianas.

Nas primeiras rodas de diálogo, nos deparamos com os seguintes tipos de declarações: “Mas, professor, para fotografar algo bonito só se a gente for na praia”; “Ah, vamos para a Lagoa, lá a gente consegue tirar foto bonita”. Afirmações dessa natureza remetem à noção de que o “bonito” só pode ser encontrado fora do bairro em que se vive, ou seja, torna-se senso comum a ideia, muitas vezes alimentada pela mídia local, de que os bairros periféricos não oferecem nenhum atrativo em seus panoramas e que, portanto, as cenas encontradas no viver cotidiano não são dignas de serem registradas.

Após o cumprimento dessa etapa, passamos ao momento da execução da atividade por parte dos estudantes. Estes foram estimulados a registrarem as cenas cotidianas, a partir dos *smartphones*, durante alguns dias do mês de agosto e, em seguida, a apresentarem os resultados em sala de aula.

Feitos os primeiros registros, foi possível observarmos uma mudança de perspectiva. A exposição no contexto da sala de aula foi um marco significativo na execução do projeto, sobretudo, no instante em que promovemos uma votação daquelas imagens que seriam escolhidas para fazer parte de uma galeria a ser exibida na escola durante o mês de setembro.

Nesse instante, utilizamos a Smart Tv da escola e fizemos uma apresentação das imagens fotografadas pelos estudantes. Com um número superior a 50 fotografias, constituímos um importante acervo que dificilmente seria elaborado pelos estudantes em outro contexto que não o do projeto.

É importante ressaltarmos que a observação de imagens do bairro a partir de um aparelho de Televisão, meio por onde quase sempre são propagadas informações negativas acerca do bairro em que os alunos vivem, tornou-se uma importante ação de contraponto a tal estigmatização do cotidiano, principalmente levando em consideração o fato dos registros em questão serem de autoria dos próprios estudantes.

Junto aos estudantes, decidimos como seria elaborada a galeria. Após algumas reuniões, optou-se por expor as fotografias em um varal de fotos, confeccionado a partir de barbante e disposto entre os pilares dos corredores da escola, de modo a ser contemplado por todos os alunos, professores e funcionários que adentrassem o espaço escolar.

As 20 fotografias escolhidas pelos estudantes de acordo com critérios estéticos, mas também de representatividade do bairro, foram expostas conforme supracitado e lhes propiciaram um momento muito importante de encontro com as paisagens cotidianas sob uma nova perspectiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do projeto, julgamos ter atingido o nosso objetivo, a saber: a promoção de ações que viabilizem um novo olhar sobre o cotidiano vivenciado pelos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina, sendo possível constatar tal êxito nos relatos finais dos estudantes, principalmente no contexto da exposição das fotografias.

Projetos dessa natureza são imprescindíveis ao desenvolvimento de práticas pedagógicas exitosas, sobretudo no contexto pós-pandemia. Levar os estudantes a realizarem ações na condição de protagonistas do processo, elevar seu apreço pela escola, combater os estigmas propagados pela mídia a respeito do bairro em que moram, além de desenvolver uma consciência ambiental, foram algumas das conquistas que acreditamos ter alcançado ao longo da execução do projeto em questão.

Palavras-chave: Cotidiano, Escola, Fotografia.

REFERÊNCIAS

DE ALBUQUERQUE, Larissa Cavalcanti; DINIZ, Ercules Laurentino; DE ARAÚJO, Edineide Jezine Mesquita; BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. Frequência escolar e ensino remoto: desafios à educação em tempos de pandemia. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/5236>. Acesso em: 05 ago. 2022.

DOS SANTOS, Lara D'Assunção. Fotografia e exploração geográfica: diálogos com Gênesis de Sebastião Salgado. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 253-271, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/43722>. Acesso em: 05 ago. 2022.

FONSECA, Marina dos Anjos Verzutti. **A cidade e o que sobrou do céu**: percepções da paisagem, narrativas afetivas e processo criativo em artes visuais. Orientadora: Rita Luciana B. Bredariolli. 2021. 61 f. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, São Paulo, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/217406>. Acesso em: 07 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SILVA, Jéssica Nunes. “Voltar para qual escola?”: desafios do ensino público diante da pandemia e os sentidos da educação escolar. **Teoria e Cultura**, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, v. 17, n. 1, p. 24-36, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/34572>. Acesso em: 13 ago. 2022.